

Mudança e inclusão

Henrique Fontes, missólogo e diretor das franquias nacionais Miss Brasil Mundo e Mister Brasil, acredita que, na evolução dos critérios, deixar de pedir as medidas do corpo das jovens, abolir o desfile em trajes de banho e permitir a participação de homens e mulheres trans estão entre os mais importantes. No ano passado, Rayka Vieira foi a primeira mulher trans a participar do Miss Brasil Mundo. Henrique lembra que uma moça deficiente auditiva também participou do concurso regional no Rio de Janeiro.

“Em 2014, a diretora do Miss Mundo, Julia Morley, aboliu o traje de banho e afirmou que não precisa ver uma mulher de biquíni para elegê-la miss Mundo, mas, sim, ouvir sua voz. Nós adotamos isso na hora, é sensacional”, afirma. Outras alterações necessárias, e ainda atrasadas, são a ampliação da faixa etária e a inclusão de mães e mulheres casadas ou divorciadas. Um novo concurso, o Universal Woman Dubai aceitará mulheres de até 40 anos, com filhos e em qualquer estado civil.

Henrique afirma que o mais importante em uma miss é saber escutar, levar carinho e informação da melhor forma possível. “Tem sido aos poucos. Seria hipócrita se eu dissesse que a quebra de padrão é instantânea, até porque o público precisa começar a aceitar, aprender a julgar menos a aparência da miss e ver também os outros aspectos. A mudança leva tempo”, acredita.

O que as candidatas buscam e o que os concursos oferecem em termos de premiação também evolui de acordo com os objetivos das jovens. As viagens pelo Brasil e pelo mundo e as bolsas de estudo para graduação e especializações são os principais prêmios na maior parte das competições. Além disso, a exposição e os contratos publicitários ajudam as misses e os misters a viabilizarem seus planos e suas carreiras, mesmo quando elas não estão na área da moda ou beleza.



David Teófilo e Carla Pinheiro foram vencedores do concurso Top Cufa DF: portas abertas